

## APRESENTAÇÃO

As notícias dos últimos meses no Brasil têm sido bastante reveladoras do projeto neoliberal da extrema direita que comanda o país. O avanço das investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 trouxe à tona as informações de que o governo brasileiro, ao que tudo indica, deixou deliberadamente de comprar vacinas, mesmo com diversas ofertas feitas pela Pfizer, e que negociou somente (e tão somente) um volume mínimo de vacinas do consórcio Covax Facility, além de suspeitas de propinas em torno dos imunizantes Covaxin e Oxford/AstraZeneca. Certamente, esses fatos foram decisivos para uma postura mais contundente da opinião pública contra o atual governo. A pesquisa Datafolha de julho já mostrou queda expressiva de apoio ao presidente da República.

Como de praxe, a base governista tenta mudar o foco e colocar outras notícias na mesa, e, preferencialmente, que agradem ao “mercado”. Foram desengavetados projetos de venda de importantes empresas públicas. Assistimos à aprovação, pelo Congresso Nacional, da privatização da Eletrobras e a avanços na desestatização dos Correios, que agora se estima para o ano de 2022. Dois gigantes estatais e essenciais para o país estão prestes a passar para o setor privado, com o obsoleto e inverídico discurso de suposta ineficiência do setor público.

Dados sobre a fome, a desigualdade social e a pobreza não permitem, contudo, dissimular o quadro social mais amplo. Segundo o estudo *O estado da segurança alimentar e nutricional no mundo*, divulgado em julho pelo órgão da ONU para Agricultura e Alimentação (FAO), de 2018 a 2020, a

insegurança alimentar grave atingiu 7,5 milhões de brasileiros, quase o dobro do que havia sido registrado de 2014 a 2016. E ainda indicou que 23,5% da população brasileira vivenciaram insegurança alimentar moderada ou severa no mesmo período. Já o número de bilionários cresceu 40% durante a pandemia na América Latina, sendo que 75% destes teriam nacionalidade brasileira ou mexicana. A pobreza extrema disparou recentemente ao nível mais alto em 20 anos na região: oito em cada dez latino-americanos vivem hoje em situação de vulnerabilidade, sendo o Brasil um destaque negativo.

Boas novas, entretanto, vêm das ruas e do avanço da vacinação, mesmo que em um ritmo muito mais lento do que seria necessário para o efetivo controle da pandemia no país. Em várias cidades, as grandes manifestações de oposição ao atual governo impressionam pelo tamanho, regularidade e adesões. A vacinação, mesmo e apesar da avalanche de *fake news* que insiste em negar a sua necessidade, tem melhorado alguns indicadores de internação e mortes.

Esta edição da *Revista da SEP* n. 60 chega em meio a essa conjuntura difícil, mas talvez mais generosa do que a existente nos primeiros meses deste ano, ao menos por apontar uma luta em marcha. Trata-se da primeira edição deste novo Comitê Editorial, que assumiu a *Revista da SEP* em 8 de junho de 2021.

Aproveitamos para manifestar nossos agradecimentos ao Comitê Editorial anterior, que foi responsável pela seleção dos artigos e da resenha que compõem este volume. Entre os textos há, inclusive, um de autoria de dois novos editores da *Revista da SEP*. E aqui vale uma ressalva: a publicação de textos de seus editores não é uma prática da revista, mas a situação peculiar decorreu do fato de o artigo ter recebido aprovação antes de os novos membros iniciarem seus trabalhos no Comitê Editorial, não tendo, portanto, qualquer participação no seu processo de análise e seleção.

Esta edição traz, primeiramente, um artigo escrito por Cláudio Gontijo. “A teoria das crises financeiras: uma aproximação crítica” faz um necessário debate sobre as crises financeiras a partir das suas principais explicações

em diferentes vertentes teóricas: as teorias monetárias, a novo keynesiana, a keynesiana, a hipótese da fragilidade financeira de Minsky, e a marxista.

O segundo artigo, de autoria de Gabriel da Silva Vaccari e Reginaldo Teixeira Perez, intitulado “O conflito distributivo e os paradoxos da intervenção: a FIESP diante do governo Dilma Rousseff (2011-2016)”, discute a mudança de postura da FIESP, inicialmente atuando como uma força de apoio ao governo Dilma e, posteriormente, como crítica da condução econômica de seu governo, exercendo influência no seu *impeachment* em 2016.

O terceiro artigo, “Alienação, fetichismo e incerteza”, de Eduardo Barros Mariutti, repensa a noção de fetichismo a partir de uma reconstituição crítica da noção de fetiche da mercadoria formulada por Karl Marx.

O quarto, por sua vez, de Eduardo Martins Ráo, intitulado “Transições do capitalismo ao socialismo e/ou pós-capitalismo no século XXI”, realiza uma síntese do debate das teorias que se propuseram a fazer uma reflexão crítica sobre os processos de transição, abordando cinco delimitações: socialismo digital, pós-capitalismo, socialismo autogestionário, ecossocialismo e socialismo pós-capital.

O quinto trabalho, escrito por Carlos Henrique Lopes Rodrigues e Vanessa Follmann Jurgensfeld, discorre sobre a política econômica do ex-presidente Itamar Franco. “O neoliberalismo no governo Itamar Franco: uma análise de sua política de privatização” debate a venda, sobretudo ao capital estrangeiro, de várias empresas estatais-chave da economia brasileira, distanciando Itamar do ideário de nacionalista que chegou a lhe ser imputado.

Já o sexto artigo – “Instituições sociais e sistema econômico: a perspectiva de Karl Polanyi” – traz uma discussão sobre as contribuições de Karl Polanyi. Escrito por Tales Rabelo Freitas, o texto analisa como, na interpretação deste autor, o sistema econômico não pode ser entendido de maneira isolada das instituições sociais, sendo os aspectos sociais fundamentais para a determinação da ação econômica e das transformações sistêmicas.

Esta edição contempla, ainda, uma resenha de *The Gig Economy: A Critical Introduction*, livro publicado em 2020 pelos autores Jamie Woodcock e Mark Graham. De autoria de Rodrigo Constantino Jeronimo, a resenha destaca esta como uma obra fundamental para aqueles que possuem interesse em entender a tendência de transformação do mundo do trabalho, com o avanço das experiências de trabalhadores por plataformas digitais.

Boa leitura!

Comitê Editorial